

O ecossistema nascido há mais de 900 milhões de anos e com onze tipos de vegetação está sendo devastado

Cerrado, um gigante de cabeça para baixo

Nicolas Bonvakiades
 Da equipe do Correio

Conta a diretora do Jardim Botânico de Brasília, Alba Evangelista Ramos, que há milhares de anos, antes da presença e interferência humanas nas terras que hoje compõem o Brasil, a floresta amazônica e o cerrado dividiam uma faixa de território onde ocorria uma espécie de mar verde. Na época de chuvas, a floresta avançava sobre o cerrado. Na seca, o movimento era inverso.

Especialmente desde a ECO 92, no Rio de Janeiro, a floresta amazônica atrai interesse do mundo inteiro por sua importância na ecologia mundial. O mesmo não ocorre com o cerrado. Marcado por acelerada ocupação de novas populações humanas, pela substituição da flora nativa por culturas alienígenas e pela exploração das riquezas minerais do solo sem o controle devido, a cada ano tem

sua riqueza e território subtraídos. Na verdade, não existe apenas um cerrado. A região conhecida como cerrado abrange um mosaico com onze tipos diferentes de formações vegetais. O que determina o tipo de cobertura vegetal de cada área é determinado pela disponibilidade de água e de nutrientes do solo. Daí se encontram tipos como o cerrado, campo limpo e as matas de galeria, por exemplo.

O coordenador-geral de diversidade biológica do Ministério do Meio Ambiente e professor da Universidade de Brasília (UnB), Bráulio Ferreira de Souza Dias, estima em 320 mil as espécies vivas nos cerrados, entre plantas, microorganismos e animais.

Em Brasília, nas áreas de cerrado denso, foram encontradas de 200 a 240 espécies por 1 mil m² e de 300 a 450 espécies por 10 mil m². Na Reserva Ecológica do IBGE, foram registradas 1.360 espécies nativas em 15 mil hectares. Nos 579 mil hecta-

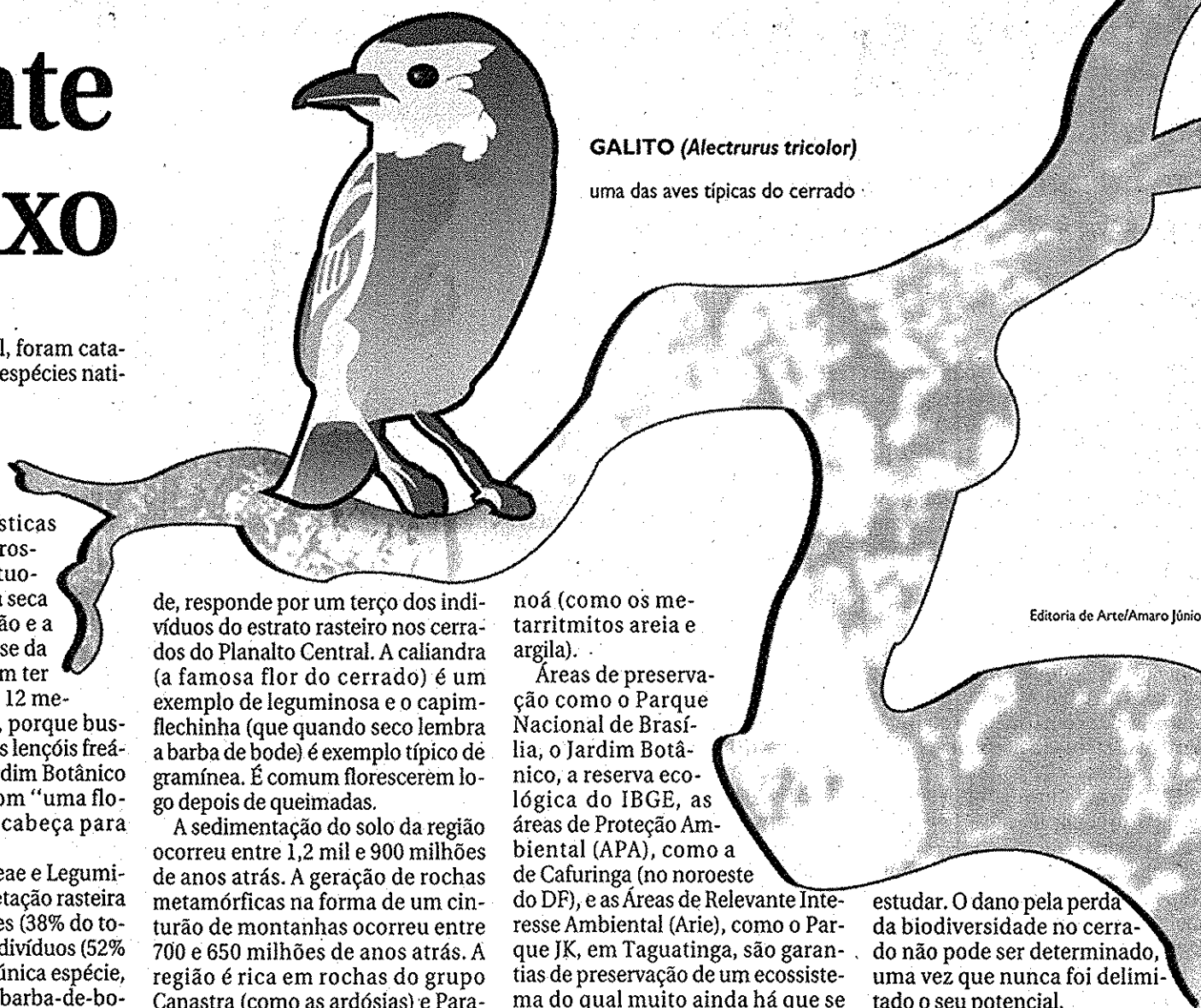
res do Distrito Federal, foram catalogadas mais de 2.042 espécies nativas.

O ipê (árvore cascuda, no tupi), o pequi e a cagaita são exemplos de árvores típicas. As características comuns são a casca grossa, caule e galhos tortuosos, perda de folhas na seca para reter transpiração e a floração em alguma fase da seca. As árvores podem ter raízes variando de 8 a 12 metros de profundidade, porque buscam a proximidade dos lençóis freáticos. A diretora do Jardim Botânico compara o cerrado com "uma floresta amazônica de cabeça para baixo".

As famílias Gramineae e Leguminosae dominam a vegetação rasteira em número de espécies (38% do total) e em número de indivíduos (52% são gramíneas). Uma única espécie, o capim-flechinha ou barba-de-bo-

noá (como os metarritmitos areia e argila). Áreas de preservação como o Parque Nacional de Brasília, o Jardim Botânico, a reserva ecológica do IBGE, as áreas de Proteção Ambiental (APA), como a de Cafuringa (no noroeste do DF), e as Áreas de Relevante Interesse Ambiental (Arie), como o Parque JK, em Taguatinga, são garantias de preservação de um ecossistema do qual muito ainda há que se

GALITO (*Alecturus tricolor*)
 uma das aves típicas do cerrado

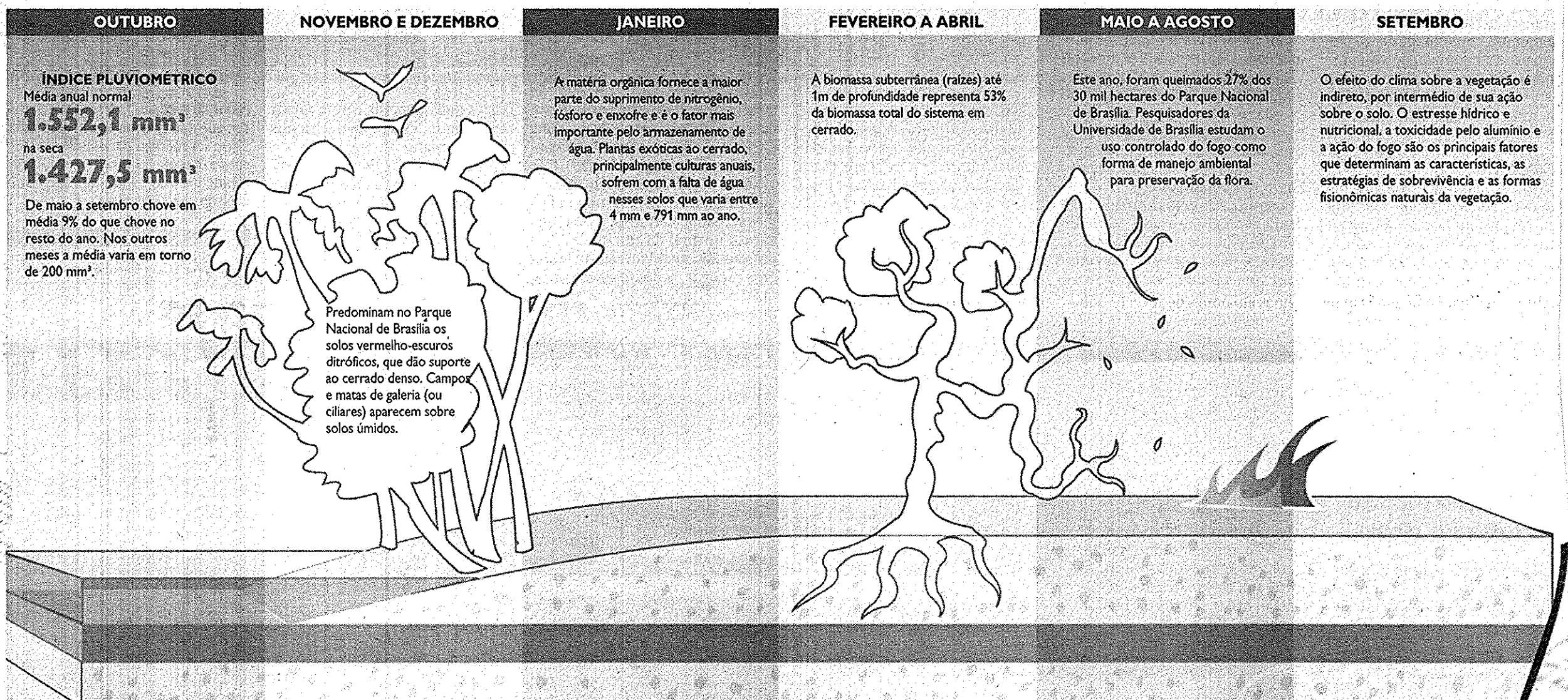


Editoria de Arte/Amaro Júnior

estudar. O dano pela perda da biodiversidade no cerrado não pode ser determinado, uma vez que nunca foi delimitado o seu potencial.

AS SEIS ESTAÇÕES

Estudos sobre a relação entre o ciclo de vida da flora e o clima do cerrado do Planalto Central sugerem a existência de seis estações ecológicas ao ano, duas a mais que as climáticas



INÍCIO DAS CHUVAS

Muita frutificação, dispersão de sementes e rebrotação das plantas rasteiras. Nessa estação as plantas começam a se regenerar e retomam o desenvolvimento a partir do que suportou da seca e sobreviveu às queimadas.



CHUVAS DE PRIMAVERA

Pico de crescimento vegetativo das plantas recorrentes. A época é marcada pelas revoadas anuais de insetos. Nessa época a grande concentração de frutos e insetos atrai aves migratórias vindas da Amazônia e de outras regiões para se reproduzirem.



VERANICO

Estação marcada pela estiada, com dias de intenso calor e insolação. Ocorre queda de atividade de insetos e estagnação dos processos de desenvolvimento da vegetação.



CHUVAS DE VERÃO

Após o "descanso" em janeiro, nessa estação ocorre a retomada de renovação das folhas. Nessa estação, o verde é substituído pelas cores opacas que caracterizam a época da seca.



INVERNO SECO

Pico de queda de folhas e de floração. É nessa época que começam a ocorrer as queimadas. Ocorre perda de sementes, o que pode ocasionar decréscimo na população das espécies. Dois picos de floradas são observados, um em maio outro em agosto e setembro.



FINAL DA SECA

Época mais quente do ano. Pico de frutificação e de refolha das árvores. Continuam as queimadas e é nessa época que as plantas de característica rasteira e raízes pouco profundas se beneficiam dos nutrientes das cinzas para retomar seu desenvolvimento.

GEOGRAFIA DA DEVASTAÇÃO



Área total
204 milhões
 de hectares

Pastagens cultivadas
35 milhões
 de hectares

Áreas ocupadas
47 milhões
 de hectares

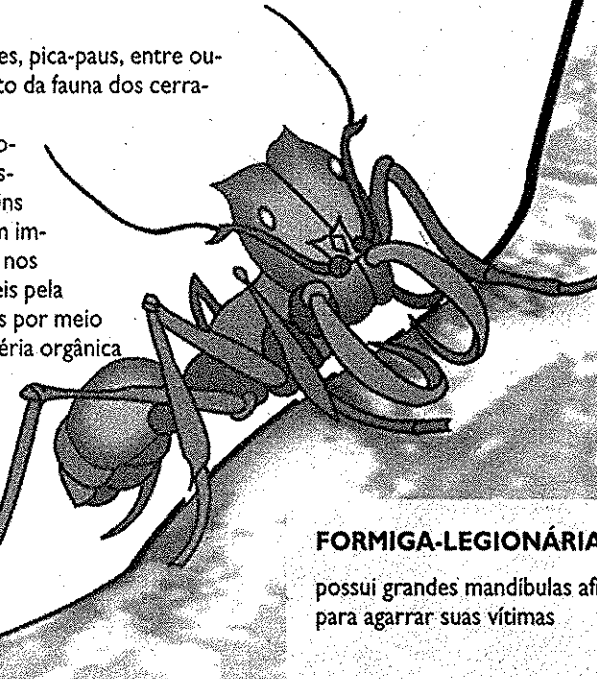
Fronteira agrícola
80 milhões
 de hectares

FONTES DE REFERÊNCIA

- Alternativas de desenvolvimento dos cerrados: manejo e conservação dos recursos naturais renováveis (2ª edição) — Fundação Pro-Natureza (Fundatur), Bráulio F. de Souza Dias (coordenador)
- Ecologia e recuperação de áreas degradadas no cerrado — (Ed. Paralelo 15, 1ª edição), Rodrigo Stuard Corrêa e Benício de Melo Filho (organizadores)
- Apa de Cafuringa, o retrato do cerrado — (Ed. Paralelo 15, 1ª edição), Benedito Alísio da Silva, Valmira Vieira Meehan, Fernando Quadrado Leite e Eriel Sivaldo Cardoso
- Embrapa Cerrados e a região dos cerrados (informações básicas e dados estatísticos) — Jorge Reti (redação)

MUNDO ANIMAL

Papagaios, tucanos, gaviões, pica-paus, entre outros, compõem o conjunto da fauna dos cerrados. Alguns em extinção como as jaguatiricas, os lobos-guará e os tamanduás-bandeira. Formigas e cupins (especialmente estes) têm importante papel ecológico nos cerrados. São responsáveis pela produção de sais minerais por meio da decomposição de matéria orgânica que beneficiam o desenvolvimento das plantas.



FORMIGA-LEGIONÁRIA
 possui grandes mandíbulas afiadas para agarrar suas vítimas